
NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

GEBARA, Ivone: *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina.*
— São Paulo: Paulinas, 1989. 47 pp., 29,9 x 13,3 cm.

Segundo a A. este opúsculo tem em vista a Conferência Episcopal de Santo Domingo, a realizar-se em 1992. Sem dúvida, também a Campanha da Fraternidade de 1990 motiva sua publicação. À p. 7, ela explica o que pretende com o folheto: "Propomos uma reflexão de tipo antropológico com abertura teológica. Isso porque pensamos ser importante detectar algumas das causas antropológicas e culturais de resistência à autonomia e à libertação da mulher, causas que permanecem em geral esquecidas nos diferentes aportes a respeito".

No cap. 1 (9-16), a A. expõe "as grandes da antropologia presente no movimento e na teologia feministas". São elas: uma visão antropológica unitária (não dualista), capaz de reconciliar razão e corpo, pluridimensional e relacional (valorizando a autonomia e interdependência entre humanos, natureza e cosmo).

No cap. 2 (17-26), trata-se de mostrar "as diferentes oposições ao movimento e à teologia feministas". A cultura latino-americana, os preconceitos de homens, de mulheres, da Igreja e da teologia (esta sob o título "outros fatores") entram aí em questão. Esquemáticamente e simplificando, poderia dizer-se que a A. vê a oposição entre concepção masculina e feminina de teologia numa luta pelo poder, numa oposição entre teologia abstrata (masculina) e concreta (feminina), na imutabilidade da teologia afirmada pelos homens e no não querer reconhecer a outra. O recenseador (ele mesmo homem e, portanto, suspeito...) não julga corretas as afirmações (pelo menos, sem matizar mais). No tocante ao poder, a questão atinge também a relação da teologia conservadora com a da libertação. No que respeita à concretude da teologia, não se vê o porquê da distinção, a não ser a partir de preconceitos sobre as qualidades femininas e masculinas. Quanto à imutabilidade, o problema é antes da teologia conservadora (que, claro, é feita por varões, que são conservadores não enquanto varões, mas enquanto tradicionalistas). O último ponto (reconhecimento do alteridade da outra) é mais geral que só no tocante à teologia.

No cap. 3 (27-35), a A. vê, como causa profunda do preconceito com relação à mulher, o símbolo "Eva, mãe dos viventes" e procura interpretar nesse sentido o mito adâmico.

Por fim (37-43), desenvolve as características de uma teologia feminista, correspondentes aos quatro pontos da visão antropológica do cap. 1.

F. T.

ZENGER, Erich: *O Deus da Bíblia: estudos sobre os inícios da fé em Deus no Antigo Testamento.* / Tradução (do alemão) Eva Maria Ferreira Glenk. — São Paulo: Paulinas, 1989. 144 pp., 22,5 x 18 cm (Coleção: entender a Bíblia) ISBN 85-05-00794-8

A publicação deste livro em português deve ser saudada com entusiasmo por professores e alunos, como também por pessoas interessadas em assuntos bíblicos, por encontrarem aqui uma teologia da revelação de Deus centrada no êxodo. A significação de Deus para Israel e de Israel para seu Deus é o enfoque do A. na interpretação dos temas centrais do Pentateuco. Nesta perspectiva ganham especial destaque a fé e vivência religiosa de Moisés e do povo eleito nos momentos mais importantes da história de Israel. O A. analisa os textos bíblicos sobre a situação de escravidão dos israelistas no Egito, a travessia do mar Vermelho, as rotas do êxodo, a marcha através do deserto, o estabelecimento da aliança sagrada com Javé no Sinai e a entrada na Terra Prometida. Em contraste com as divindades do ambiente extrabíblico, Javé se revela como soberano da ordem ética e religiosa, cujas exigências são expressas no decálogo de validade perene e universal. O estilo narrativo, a exposição didática e a atenção voltada às perguntas do leitor, que são respondidas antecipadamente pela explicação detalhada da temática do texto dentro do ambiente histórico e religioso, contribuem a manter vivo o interesse na leitura e estimulam o estudo metódico dos livros bíblicos.

A tradução do original alemão é fluente e fiel, salvo algumas incorreções, como p. ex. *bedrängt* = oprimidos (e não importunados) p. 91; *Ortsangaben* = indicações topográficas (não: tópicos) p. 92; *Bibelerklärer* = intérpretes da Bíblia (não: explicadores) p. 97; *Unverfügbarkeit* = independência (não: disponibilidade) p. 102; *künstlich angelegter Teich* = açude (não: poço artificial) p. 103; *par excellence* = por excelência (não: extremo) p. 105; *regelmässiger Weidewechsel* = transumância (não: mudança regular para o pasto) p. 107; *Tontafel* = ladrilho (não: tabuinha de barro) p. 108; *Stadtkönig* = rei da cidade-estado (não: reizete) p. 108; *einzelne Familien* = famílias isoladas (não: famílias singulares) p. 128; *ausserbiblisch* = em âmbito extrabíblico (não: esferas extrabíblicas) p. 128; *literarische Einkleidung* = roupagem literária (não: revestimento literário) p. 131; *Verstehen von... her* = entender à luz (não: entender através) p. 135; *Rollsiegel* = sinete cilíndrico (não: selo em forma de rolo) p. 136; *Herausforderung des Todes* = desafio à morte (não desafio da morte) p. 142.

Fazemos votos para que uma edição revisada corrija essas imperfeições por ser um livro que continuará sendo utilizado como uma das obras básicas para o estudo de temas do AT.

L. St.

O' COLLINS, Gerald: *Jesús Resucitado*: estudio histórico, fundamental y sistemático. / Tradução (do inglês) Antonio Martínez Riu. — Barcelona: Herder, 1988. 332 pp., 21,4 x 14 cm. (Coleção: biblioteca herder; sección de teología y filosofía; 184) ISBN 84-254-1620-5 (tela) 84-254-19619-1 (rústica)

É inegável que a reflexão teológica atual devolveu à ressurreição de Jesus o lugar central que ela ocupa no NT. Outra coisa é saber se esse interesse respeitou a pluralidade de dimensões presentes nos acontecimentos pascais como aspectos irredutíveis da mesma e única realidade, ou se essa volta ao centro se fez absolutizando unilateralmente um dos aspectos. O A. está convencido de que a abordagem histórico-crítica (e portanto o aspecto teórico e acadêmico) dominou a reflexão teológica sobre a ressurreição, em detrimento de uma aproximação mais existencial, atenta às situações humanas — de esperança e desespero — nas quais deve ser vivida, proclamada e celebrada a fé na ressurreição (dimensão litúrgica). Só uma integração de perspectivas — vida, reflexão e oração — nos dá o autêntico acesso à totalidade do mistério da ressurreição de Jesus. É a preocupação do A., cujas reflexões querem ser uma contribuição para esse objetivo.

A tradição posterior nem sempre conseguiu conservar esse equilíbrio, visível nos primeiros séculos do cristianismo. É o que pretende mostrar o cap. I (a ressurreição na história do cristianismo), embora o título seja um pouco enganador. Na verdade, mais do que uma história, o A. nos oferece algumas amostras (significativas, certamente) dessa evolução.

Os dois capítulos seguintes, sobre “a ressurreição na teologia moderna”, completam, de alguma forma, esta aproximação histórica. Trata-se, sem dúvida, de autores representativos, tanto no campo protestante quanto católico, que contribuíram de maneira decisiva para a renovação da cristologia: K. Barth, R. Bultmann, W. Pannenberg, J. Moltmann, K. Rahner, etc. Não é evidente, contudo, o critério utilizado na escola dos autores, sobretudo dos católicos. Estes capítulos se recomendam pela clareza e objetividade das exposições. Sobretudo para estudantes de teologia que desejem ser introduzidos de maneira acessível num importante capítulo da cristologia contemporânea.

Nos seis capítulos restantes, que constituem como uma segunda parte do livro, G. O'C. apresenta a própria síntese e toma posição com relação a alguns problemas, levantados na primeira parte, de cristologia fundamental (natureza das aparições, historicidade do supulcro vazio, “provas” da ressurreição, etc.) e sistemática (função reveladora da ressurreição e o seu valor salvífico), completados com um estudo sobre a ressurreição como mistério do amor divino e humano (cap. VIII) e o desafio da transmissão ou comunicação da experiência (cap. IX). Um apêndice sobre as “aparições luminosas do Cristo ressuscitado” segundo J. M. Robinson, encerra o livro, cujo subtítulo define bem o conteúdo e a intenção: trata-se de um “estudo histórico, fundamental e sistemático” sobre a ressurreição de Jesus, do qual não está ausente uma certa preocupação “apologética”. Discreta,

porque lúcida, informada e aberta ao verdadeiro diálogo. E por isso digna da nobre e antiga preocupação cristã com a sã doutrina.

Carlos Palácio S.J.

DUSSEL, Enrique: *História da Igreja latino-americana* (1930-1985). / Tradução (do espanhol) Eugenia Flavian — São Paulo: Paulinas, 1989. 102 pp., 20, 1x12,1 cm. ISBN 85-05-00988-6

Nesta obra E. D. elenca os principais acontecimentos históricos da vida eclesial latino-americana durante os últimos cinquenta anos, e confere-lhes um significado, fundamentado no pressuposto de que, embora ocorram diferenças nacionais, os mesmos mantêm certa homogeneidade latino-americana.

Em cada uma das três partes que compõem a obra, o A. contextua a Igreja dentro da conjuntura mundial, estabelece as fases de cada período, aponta os grandes desafios enfrentados pela Igreja latino-americana, consigna a característica básica de cada período e assinala os principais eventos eclesiais em cada um dos países da América Latina.

A primeira parte intitula-se "A Igreja na era dos populismos (1930-1959)". Para o A. a Igreja, que fora conservadora no século XIX e princípios do século XX, começou a modernizar-se a partir de 1930; tal modernização — renovação interna e defesa de seus direitos — concretizou-se no modelo de Nova Cristandade, em aliança com o estado populista; foi um tempo de confrontos, amadurecimento e modernização estrutural.

A "Renovação da Igreja sob o signo de Medellín (1959-1972)" é o título da segunda parte. O A. observa que a partir de 1959 a Igreja latino-americana lançou-se à renovação de seus compromissos "ad extra"; isto significou a crise do modelo anterior e os primeiros passos para uma Igreja dos pobres. É particularmente sugestivo o item que aborda a Igreja perante a realidade do socialismo na América Latina.

Na terceira parte, "A Igreja, os regimes de segurança nacional e a revolução centro-americana (1972-1984)", o A. afirma que, apesar da recomposição do setor tradicionalista, o grupo progressista conseguiu dar mais um passo, e que a partir de 1972 o próprio povo cristão realiza sua protagonização; as vertentes da vitalidade eclesial são as Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação.

Caso o título original — "Los últimos 50 años (1930-1985) en la historia de la Iglesia en América Latina" — fosse conservado, através de uma tradução literal, certamente isto possibilitaria uma maior precisão quanto ao tipo de abordagem, uma vez que não se trata tanto de uma história científica, mas principalmente de resenha e interpretação dos principais eventos eclesiais dos últimos 50 anos, a partir de estudos referidos na nota bibliográfica reportada no início da obra.

D. M.

MARINS, José — TREVISAN, Teolide — CHANONA, Carolee: *Virá o dia...*
As CEBs como realidade, desafio e projeto. — São Paulo: Paulinas, 1989.
60 pp., 21 x 14 cm. (Coleção: temas de atualidade). ISBN 85-05-01041-8.

É conhecida a longa experiência que a equipe autora do livro tem da vida eclesial da América Latina, sobretudo no nível de CEBs. Ela tem dado cursos, assessorado encontros, seguido caminhadas de inúmeras CEBs em todo nosso Continente. J. Marins foi dois primeiros a escrever sobre este tema.

Este livro é pequeno, de fácil leitura, de cunho popular. Escrito para os grupos de CEBs poderem lê-lo e confrontá-lo com sua própria experiência. Este caráter popular fez que se evitassem os temas mais teóricos e polêmicos, que exigiriam uma tratção mais detalhada e aprofundada. Mas isso não lhe tira o mérito.

Em estilo simples, sucinto, consegue oferecer os dados fundamentais desse fenômeno eclesial, seja para quem não o conhece, seja para as próprias comunidades de base, como espelho a fim de reconhecerem nele sua face.

A modo de tempestade cerebral, sem nenhuma estruturação mais precisa ou articulada, inicia a descrição das CEBs traçando o quadro político, econômico, social e eclesial da América Latina, onde tais CEBs nasceram. Esse quadro é impressionista, ainda que bem real e conciso. Af aparecem a modo de afirmações lapidares as características mais importantes de nosso contexto.

No segundo capítulo, os AA. debruçam-se sobre a estrutura interna das CEBs, mostrando-lhes a eclesialidade, a coordenação interna, seu compromisso libertador. Naturalmente os três elementos mais importantes, tais como a presença da Palavra de Deus lida em articulação com a realidade, a celebração e a espiritualidade engajada merecem maior relevo. Termina-se essa parte sobre a estrutura das CEBs, resumindo, de maneira bem plástica e lapidar, em 5 verbos a sua metodologia de agir: Ver, discernir, optar, avaliar e celebrar.

No terceiro capítulo retratam-se as tensões e desafios: sua relação com os movimentos apostólicos e de espiritualidade, com as estruturas tradicionais da Igreja, com os membros de classes não-populares, com a hierarquia da igreja diocesana, com as organizações populares, com a dimensão escatológica do projeto histórico e com a leitura reducionista da Escritura.

A modo de apêndice, o livrinho reproduz algumas definições que as CEBs se deram de si num encontro na Argentina e em Colón no Panamá.

Na sua simplicidade e despreensão, a equipe autora presta um bom serviço, retratando de maneira tão singela, resumida, os traços do rosto dessa nova maneira de ser Igreja, quer atendendo para sua originalidade e riqueza espiritual, quer acenando para os riscos e desafios.

J. B. L.

MARROU, Henri-Irénée: *Teologia da história: o sentido da caminhada da humanidade através da temporalidade.* / Tradução (do francês) Roberto Leal Ferreira. — Petrópolis: Vozes, 1989. 151 pp., 21 x 13,5 cm.

As Vozes lançam agora a tradução de um livro já publicado há mais de 20 anos atrás. Tornara-se no seu tempo um ponto de referência da teologia da história. Viviam-se então os primeiros anos do pós-Concílio e a *Gaudium et Spes* tinha agitado a questão da relação da Igreja com o mundo. A teologia da história vinha trazer sua contribuição nesse campo.

Lendo tal livro no momento atual, encontramos ainda atualidade. É certo que as posições do A. já foram trabalhadas e aprofundadas ulteriormente. Nesse sentido, o livro não tem novidades, mas tem atualidade. De fato, as teses principais continuam até hoje a terem validade. Mais. Nalguns setores da Igreja, onde houve real retrocesso, elas chegam a soar como novidade.

O A. é muito conhecido entre nós pela obra importante da *Nova História da Igreja*, que tem servido de livro básico para muitos cursos. É um historiador de proficiência. Nesse livro, entra para dentro da teologia, mas sempre com a sua mentalidade de historiador.

É um leigo, profundo conhecedor de Santo Agostinho e da história da Igreja, além de excelente formação teológica. Tenta articular nesse livro seu conhecimento de historiador com a teologia a fim de elaborar parâmetros para uma teologia da história.

É um livro de fácil leitura, com capítulos pequenos, onde numa primeira parte trabalha mais os fundamentos doutrinários da teologia da história. Vê-se de um lado com clareza teológica que toda a história é história da salvação, já que ela existe no plano de Deus em vista da construção do Cristo total. Doutro lado, a sua radical ambigüidade — a cidade de Deus e a terrestre estão profundamente imbricadas — dificulta a percepção concreta da dimensão salvífica dos acontecimentos. Na segunda parte, se passa da teoria à práxis e se reflete sobre que espécie de homem é preciso que nos mostremos em nossa conduta, para esperar a apressar o advento do Dia do Senhor. É uma teologia que quer conduzir à espiritualidade da ação e não à passividade. Como disse, nesse livro o A. salienta muito a complexidade e a ambigüidade da história humana. Os eventos históricos não são transparentes. Por isso torna-se difícil afirmar qual o sentido salvífico deles. Não temos a leitura de Deus em relação à história. Sabemos que toda ela está orientada ao crescimento do Cristo total, mas nos escapa como os acontecimentos concretos contribuem para tal.

As reflexões teóricas são freqüentemente exemplificadas com dados históricos, que o A. domina com muita competência. Sendo especialista em Santo Agostinho, percebe-se como o pensamento de Agostinho atravessa todo o livro. Enfim, a 20 anos de distância da publicação, vale a pena ainda ler tal livro com a ótica de hoje e assim perceber como já na década de 60 se tentava relacionar teologia e história. Resta-nos ainda uma longa via para aprofundar tal tema. Sobretudo no nosso contexto de América Latina, esta articulação é importante, já que as nossas comunidades de base vivem tentando viver integralmente fé (teologia) e vida (história), palavra de Deus (teologia) e compromisso social (história). Noutras palavras, elas

estão resolvendo no concreto essa articulação que no nível de reflexão ainda aparece embrionária no livro. Certamente a nossa experiência latino-americana traz elementos fundamentais para uma elaboração mais aprofundada desse tema, que o A. com tanta lucidez já trabalhara neste livro com interessantes intuições.~

J. B. L.

ELLUL, Jacques: *La razón de ser: meditación sobre el Eclesiastés.* / Tradução (do francês) Isidro Arias. — Barcelona: Herder, 1989. 315 pp., 21,5 x 14 cm. ISBN 84-254-1645-0

Neste livro, o A. aborda a relação dialética entre fé e razão, analisando as reflexões do Eclesiastes sobre a experiência humana em diálogo com a fé. A obra é estruturada em três partes: a primeira trata dos aspectos contingentes da vida humana, entre os quais são mencionados o poder, dinheiro e o trabalho, como meios para se alcançar a felicidade sob os ditames da ética; a segunda investiga os pressupostos da filosofia e da sabedoria e ressalta o âmbito de cada uma; a terceira desenvolve temas relacionados com a presença e atuação de Deus no mundo. Os problemas temáticos e litúrgicos que surgem na interpretação do texto bíblico são tratados na introdução. Como é indicado no título, o livro não é um comentário exegético, mas uma meditação sobre a temática sapiencial, cujo significado se desvenda no confronto com as concepções e atitudes do homem de hoje em seu caminho espiritual que leva a Deus.

L. St.

ALONSO SCHOEKEL, Luiz: *Mediações bíblicas sobre a eucaristia.* / Tradução (do espanhol) Luiz João Gaio. — São Paulo: Paulinas, 1988. 129 pp., 20 x 12,8 cm. ISBN 85-05-00907-X

Um livro com este título escrito por exegeta de renome faz pensar que se trate de reflexões sobre os textos eucarísticos do NT. Não. L.A.S. apresenta-nos, na verdade, meditações que seguem a atual estrutura da liturgia eucarística. Sua formação de exegeta o leva a iluminar a liturgia eucarística com abundantes textos bíblicos, especialmente do AT, e reflexões pertinentes, como a bela meditação sobre *beraká*.

Um livro despretençioso que pode ser lido e meditado com proveito.

F. T.

AGOSTINHO, Santo: Comentário da Primeira Epístola de São João. / Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira, — São Paulo: Paulinas, 1989. 219 pp., 19,9 x 13 cm. (Série: espiritualidade) ISBN 85-05-00947-9

É sempre preciso louvar a publicação de textos patrísticos em língua vernácula, dada a generalizada falta de conhecimento do latim ou do grego, mesmo entre os que estudam teologia. Assim é com alegria que se pode notificar a publicação desta pérola da produção agostiniana que são os "Tratados sobre a 1 Jo". O nome de "tratado" não nos deve iludir, como também não o de "comentário", usado na tradução brasileira. Não se trata de "tratado" no sentido escolástico da palavra, nem de "comentário" no sentido moderno da exegese científica. Trata-se de uma série de homilias, pronunciadas para um auditório concreto (no caso: os cristãos simples de Hipona). São reflexões teológicas, espirituais e exegéticas sobre o texto bíblico.

Para introdução e notas a A. baseou-se principalmente na edição francesa de *Sources Chrétiennes*, sob a responsabilidade de P. Agaësse, além disso cotejou a tradução feita a partir do original latino com a tradução francesa do mesmo especialista bem como com a de M. Péronne. Temos, pois, diante de nós, uma obra feita com seriedade, apesar de ser, sem dúvida, muito ousado traduzir Santo Agostinho. Por isso mesmo, a A. freqüentemente traz em nota o original latino, para que — quem souber pelo menos um pouco de latim — possa julgar da correção da tradução ou apreciar a beleza da formulação agostiniana.

Em resumo: uma iniciativa que merece aplauso.

F. T.

A salvação se fez pão: estudos bíblicos sobre "o pão nosso de cada dia". / Nelson Kilpp... (et. al.). — São Leopoldo: Sinodal, 1989, 95 pp., 20,9 x 15 cm. ISBN 85-233-0176 -3

Este pequeno volume reúne oito breves estudos bíblicos sobre o problema do pão, no AT e no NT. Tema sumamente atual num mundo que passa fome. Os estudos têm caráter heterogêneo: alguns têm cunho mais acadêmico, outros têm cunho mais popular. Entretanto, todos são acessíveis a um público bem amplo.

O livro começa ambientando o leitor na perspectiva vétero-testamentária do "pão nosso de cada dia" (Nelson Kilpp). Pão que para ser nosso precisa ser "dos marginalizados", viúvas, órfãos e estrangeiros (Carlos A. Dreher). Mas o pão pode chegar a ser "roubado" do povo pela opressão estrangeira ou nacional (Cláudio Milz). O pão nosso de cada dia deverá ser ainda conquistado pelo povo, não deve cair do céu (Friedrich Erich Dobberahn).

Da perícopes da colheita das espigas (Mc 2, 23-28) aprende-se que a fome do povo está acima das leis religiosas mais sagradas (Uwe Wegner). A multiplicação dos pães, por sua vez, confirma essa perspectiva, mostrando-nos Jesus como o pastor

messiânico que se compadece da fome do povo e envolve os discípulos nessa preocupação (*Osmar Zizemer*).

O estudo mais interessante, na opinião do recenseador, versa sobre a visão de trabalho em Paulo: trabalhando com as próprias mãos, Paulo ajuda os operários de seu tempo a quebrarem a ideologia dominante no mundo grego que desprezava o trabalho manual e reconhecerem que quem trabalha tem direito ao pão de cada dia (*Verner Hoefelmann*). Outro estudo sobre Paulo dedica-se a mostrar a implicação social dos problemas em torno da Ceia do Senhor em Corinto (*Ulrich Schoenborn*).

Numa palavra, um belo livrinho que se lê com agrado e proveito, mesmo que se possa discordar ou duvidar do acerto de um ou outro ponto de vista.

F. T.

LERA, José Maria (ed.): *Fides quae per caritatem operatur*: homenaje al P. Juan Alfaro, S.I. en sus 75 años. / Luiz M. Armendáriz... (et al.). Bilbao: Mensajero, 1989. 554 pp., 22 x 15,3 cm. (Coleção: Teología-Desto; 21) Co-edición: Universidad de Deusto ISBN 84-271-1580-6

O Pe. Juan Alfaro foi durante decênios um dos professores de Teologia Sistemática mais apreciados e conhecidos na Universidade Gregoriana de Roma. Como é costume no mundo acadêmico europeu, a passagem de seu 75º aniversário natalício a publicação deste volume, reunindo estudos de teólogos e pensadores que desejam homenagear o aniversariante, reconhecendo os méritos de sua obra teológica.

Os trabalhos estão reunidos em seis grupos. O primeiro grupo, compreendendo cinco artigos, estuda a própria obra teológica de Alfaro. Destaque-se os artigos de *L. F. Ladaria* sobre natureza e graça em Rahner e Alfaro e o de *L. M. Armendáriz* sobre teoria e práxis.

O segundo grupo trata questões filosófico-teológicas. Ressaltem-se os artigos de *L. C. Scannone* sobre a fenomenologia da religião e o de *J. Gómez Caffarena* sobre o método da antropologia teológica.

No terceiro bloco, sobre teologia latino-americana, que Alfaro soube apreciar e apoiar, colaboram *J. Hernández Pico* (Nicarágua), *M. Manzanera* (Bolívia) e *J. Sobrinho* (El Salvador).

Os outros três blocos reúnem artigos sobre os mais diversos assuntos, agrupados em temas teológico-dogmáticos, pastorais e vários.

F. T.

PASTOR RAMOS, Gerardo: *Sociología de la familia*: enfoque institucional y grupal. — Salamanca: Sígueme, 1988, 343 pp., 21,5 x 13,3 cm. (Coleção: hermeneia; 28) ISBN 84-301-1050-6

Nenhuma sociedade civilizada poderá sobreviver por muito tempo à deterioração substancial de sua instituição familiar matrimonial (10). Esta é a hipótese inicial que o A. — sacerdote e religioso, professor na PUC de Salamanca (Espanha) e, até há poucos meses, reitor da mesma — fará dialogar, no decorrer do livro, com os informes fornecidos pela antropologia cultural, as contribuições conservadoras do funcionalismo e críticas do marxismo, feminismo ou da antipsiquiatria, assim como com os dados empíricos relativos às modernas sociedades industriais.

A estrutura do livro corresponde a um texto universitário para alunos de sociologia da família, com as vantagens e inconvenientes que isso comporta: necessidade de tratar muitos assuntos de forma concisa, a familiarização com o método y abertura de perspectivas aos alunos que têm um primeiro contato com o assunto.

O trabalho é concebido em três partes. A primeira é introdutória. Inclui a delimitação do objeto de estudo, breves descrições das teorias mais relevantes, exposição clara e didática dos métodos mais usados, técnicas de investigação e fontes bibliográficas disponíveis. A escolha do A. é a de uma abordagem do objeto desde a sociologia e a psicologia social.

A segunda parte está dedicada aos aspectos sociológicos da família, à família como instituição. A família como instituição axial, matrimônio, noivado e parentesco são os capítulos desta parte. No primeiro capítulo são expostos os diferentes fundamentos da família, as variedades tipológicas e culturais, as experiências alternativas, as mudanças nela introduzidas pela sociedade industrial e o despotenciamento de funções daí derivado. O matrimônio é tratado como instituição e como grupo; apresentam-se os seus diversos fundamentos, funções sociológicas, as formas que adota, seus aspectos dogmáticos e formas alternativas; um estudo sobre o divórcio completa o capítulo. O noivado, para o A., foi e é uma instituição subsidiária do matrimônio, que não pode ser considerada como assunto meramente privado; são fornecidas também algumas explicações psicológicas do noivado y é analisada a relação entre amor e noivado. Do parentesco é estudada a sua natureza, mais social do que biológica, e suas funções, principalmente econômicas, embora hoje cresçam as psicoafetivas.

A terceira parte, no seu único capítulo, considera a família como grupo, no marco da psicologia social. É abordada nesta parte a estrutura da comunidade doméstica através dos papéis, a repartição do poder, a comunicação infra-familiar, a felicidade, a qualidade e o ciclo da vida familiar.

Apesar da intenção de neutralidade valorativa do A. (cf. 45), o presente livro pressupõe uma valoração positiva da família. Os conceitos de família e matrimônio aparecem idealizados, faltam dados críticos sobre os seus pontos mais conflitivos. As alternativas à família e ao matrimônio, pelo contrário, aparecem com os seus problemas reais, bem ilustrados pelos dados.

O resultado é uma visão panorâmica sobre o "estado da questão" em sociologia da família, que prima pela clareza, boa estruturação e seqüência lógica bem didática.

Juan Antonio Guerrero S.J.
